

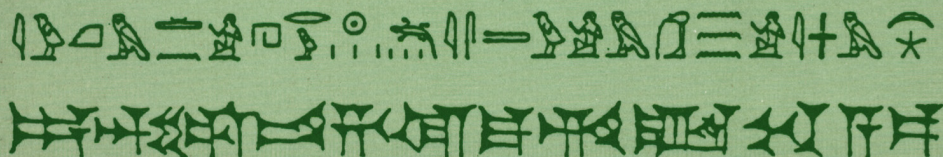
CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

3



E D I Ç Õ E S
C O S M O S



em Qumrân (pp. 383-397). Alguns aspectos inovadores da interferência dos temas sapienciais na figura de Jesus são tratados por Bernard Brandon Scott, professor de Novo Testamento em Tulsa (pp. 399-415). Stevan D. Fraade, da Univ. de Yale, elabora os dados da época rabínica sobre o entendimento que o judaísmo fazia de si mesmo como sendo uma comunidade de sábios rodeados dos seus discípulos e aplicados à meditação da Torá (pp. 417-436).

A última secção, em modo conclusivo, sumaria a evolução do conceito e das imagens do sábio entre os Hebreus no I milénio, antes de Cristo. Michael Fishbane, da Univ. de Brandeis, foca as modificações da auto-consciência da própria função de sábio, desde o escriba pós-exílico ao rabino da época judaica (pp. 439-456). Leo G. Perdue, da Univ. Cristã do Texas, estuda as relações entre concepção cosmológica e ordem social, na tradição sapiencial (pp. 456-478).

Encerrando o volume, um dos editores, entretanto falecido, sintetiza a evolução da sabedoria, durante o I milénio, a. C., segundo três vectores marcantes, o da escatologização, o do toraização e o da profetização (pp. 479-497), três destinos decisivos.

Sobre vinte e dois aspectos específicos deste tema oferecem-se, no final, catorze páginas de bibliografia seleccionada e variados índices completam este verdadeiro tratado sobre o sábio ñas sociedades e na cultura do Próximo Oriente antigo.

José Augusto Ramos

EDOUARD LIPINSKI (dir.), *Dictionnaire de la civilisation phénicienne et punique*, Brepols, Turnhout/Paris, 1992, 502 pp. + 16 de ilustrações. ISBN 2-503-500033-1.

O aparecimento deste dicionário deve ser celebrado, em primeiro lugar, por se apresentar, no género enciclopédico, como o primeiro para a civilização fenícia, tanto no seu núcleo mediterrânico oriental, durante a respectiva idade clássica, como na multiplicidade das marginalidades derivadas das suas múltiplas expansões e evoluções. Mesmo no domínio linguístico, não dispúnhamos de mais do que dois ou três dicionários para o conjunto do fenómeno fenício. Em segundo lugar, será calorosamente acolhido por constituir um utilíssimo instrumento de organização de dados, neste domínio caracterizado por uma grande dispersão historiográfica. Esta dispersão é directamente dependente do facto de, da movimentada história dos Fenícios, nos ter ficado

uma manta feita de muitos e frequentemente desconexos retalhos. Isto é, aqueles gloriosos «inventores do alfabeto» chegaram até nós reduzidos a uma condição de quase analfabetos, sem textos de grande fôlego e sofrendo, assim, de grandes dificuldades em matéria de historiografia. Esta obra será de grande ajuda.

Dirigido por Edouard Lipinski, meritório orientalista de Lovaina, a elaboração deste dicionário contou com uma equipa de redacção integrada ainda por C. Baurain, C. Bonnet, J. Debergh, E. Gubel e V. Krings. Autores dos artigos foram mais de oitenta especialistas de diversos países.

Todos os dados relativos aos Fenícios, no Oriente e no Ocidente, desde o Tigre até ao Tejo, apresentam-se, assim, compilados, num nível de actualização que pretende representar o estado dos conhecimentos científicos até há menos de meia dúzia de anos. É evidente que uma obra deste teor e sujeita a esta lentidão editorial não podia garantir uma meticulosa e absoluta actualização até a uma data mais recente. Foi o melhor possível e já é excelente.

Este dicionário está dotado de perto de quatrocentas ilustrações, provido de quatro dezenas de mapas e complementado com planos e quadros cronológicos. Vai constituir certamente um complemento necessário para as enciclopédias da Antiguidade, do mundo bíblico e das civilizações da Mesopotâmia, do Egipto e da Anatólia. Mas não se substitui a nenhuma bibliografia específica dessas culturas, porque aqui só são tratados os aspectos estritamente relacionados com os Fenícios.

O modelo enciclopédico define, por um lado, o carácter abarcante que se verifica na extensão temática. São os lugares, as figuras, os temas arqueológicos e civilizacionais e mesmo algumas questões teóricas da historiografia política e cultural. Não foram esquecidos os principais autores antigos relacionados com as coisas fenícias; e naturalmente foi também incluída a ficha bibliográfica de umas dezenas de autores modernos já falecidos, que se dedicaram a estudar os dados da civilização fenícia ou púnica.

Os artigos são, no geral, densos e, ao mesmo tempo, suficientemente concisos; vêm sistematicamente acompanhados de alguma bibliografia. Neste caso, pretendeu-se facultar sobretudo a bibliografia mais recente, no entendimento de que nesta mesma se encontrariam incluídos os exemplares bibliográficos mais antigos. Alguns artigos são, por natureza, verdadeiros espaços de síntese muito abarcante. Refiram-se o dos «estudos fenicio-púnicos» e o de «escavações»; muitos outros exemplificam igualmente a dimensão sintetizadora consentânea com

o carácter enciclopédico assumido para este dicionário. O artigo «arte», muito reduzido, é uma verdadeira chave de concordâncias, para valorização de numerosos outros artigos, atinentes à historiografia da arte fenícia.

A universalidade da civilização fenício-púnica, sem fronteiras nem limitações de espaço ou de tempo, espelha-se no horizonte desta enciclopédia. Apesar de assumir o sentido mais estrito e autêntico do gentílico Fenícios como competindo aos habitantes semitas da costa cananaica, depois da época dos Povos do Mar, muito da história das cidades mais antigas daquela costa é considerado em solidariedade historiográfica com os Fenícios. Por outro lado, não se define uma linha civilizacional de separação muito radical entre a fase fenícia e a fase púnica desta história. A sobriedade que caracteriza o artigo «puniques» (p. 364) é claro indício disso.

Por aquilo que ao horizonte português diz respeito, é de notar a pouca explicitação dada a questões e temas que poderiam ser enquadráveis nesta enciclopédia de civilização fenícia. É natural que não haja na história conhecida de Portugal questões fenícias tão destacáveis como aquelas que se localizam no Norte de África, na Sardenha e na Espanha. Mas nem só de questões de primeira importância vive uma enciclopédia de civilização fenícia. E alguns outros aspectos muito mais episódicos e menos representativos do que as incidências fenícias sobre a história do nosso território aparecem com algum destaque em artigos deste dicionário. Estão neste caso, por exemplo, a alusão a uma hipotética chegada fenícia até aos «Açores» e a discussão sobre uma hipótese de inscrição fenícia na barra do rio «Parahiba», no nordeste brasileiro. Pelo contrário, as coisas fenícias de Portugal praticamente ficaram limitadas à única referência genérica sobre «Portugal». Apesar da posição do território português, em matéria de dados fenícios, se poder ainda caracterizar por alguma marginalidade, não parece excessivo pensar que se justificariam mais entradas neste dicionário. Os nossos investigadores nesta área terão certamente uma palavra mais a dizer e vão certamente dizê-la, com a paciência e a persistência que a ciência incute. Ficamos na expectativa de a ouvir.

José Augusto Ramos